



IV Simpósio da LAESC
Pesquisa e Extensão em perspectiva



SENTIDO DE VIDA E AUTENTICIDADE: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO PARA O DEPENDENTE QUÍMICO

Andryelly da Silva Bezerra ¹

Gisella da Silva Cursino ²

Maria Eduarda Loureiro Silva ³

Marcelo Araújo Frazão ⁴

RESUMO

Introdução: A dependência química ultrapassa explicações biomédicas e sociais, envolvendo dimensões existenciais da experiência vivida. À luz da fenomenologia, o humano é *ser-no-mundo* em busca de sentido e de modos de existir autênticos; quando esse horizonte se estreita, emergem vazio existencial, alienação de si e ciclos de uso. **Objetivo:** Compreender, de forma qualitativa, como “sentido de vida” e “autenticidade” são compreendidos e mobilizados no cuidado a pessoas com dependência química, articulando contribuições de Viktor Frankl (Logoterapia) e Martin Heidegger (analítica do *Dasein*). **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica, em português, cobrindo o período de 2000 a 2024, com o propósito de compreender como sentido de vida e autenticidade têm sido mobilizados no enfrentamento da dependência química no âmbito de abordagens fenomenológico-existenciais e logoterapêuticas. **Resultados:** Os achados convergem para um quadro em que o vazio e a frustração existencial aparecem como forças que impulsionam o início do uso e alimentam a recaída, enquanto a vida conduzida de modo inautêntico estreita o horizonte de possibilidades, sob a lógica impessoal do *das Man*. Em contraponto, emergem caminhos de ressignificação inspirados na Logoterapia, seja pela criação, pelas experiências significativas ou pela atitude diante do sofrimento inevitável. No campo clínico, destacam-se práticas fenomenológicas ancoradas em diálogo genuíno, escuta qualificada e desvelamento de valores, capazes de abrir espaço para responsabilidade, pertença e reconstrução do projeto de vida, mesmo em contextos marcados por estigma e fragilidade das redes de apoio. Em conjunto, as evidências sugerem que intervenções que articulam acolhimento fenomenológico e técnicas de descoberta de sentido aumentam o compromisso com a mudança, reduzem o uso problemático e favorecem a recomposição de vínculos e de um modo de existir mais autêntico. **Considerações finais:** Compreender a dependência como questão ontológica amplia o cuidado para além do controle sintomático, integrando corpo, relações e significado. Propõe-se incorporar, nos serviços, dispositivos de escuta fenomenológica e protocolos inspirados na Logoterapia, com ênfase em autenticidade, responsabilidade e projeto existencial. Persistem lacunas quanto à padronização de intervenções, mensuração de desfechos existenciais e seguimento longitudinal em contextos brasileiros.

¹ Psicologia, estudante, Manaus - AM, andryellysbezerra@gmail.com

² Odontologia, estudante, Manaus - AM, gisella.silva.cursino@gmail.com

³ Psicologia, estudante, Manaus - AM, marialoureiro.eduarda@gmail.com ⁴

Psicologia, Orientador - LAESC, Manaus - AM, psi.marcelo.fraza@gmail.com.



IV Simpósio da LAESC
Pesquisa e Extensão em perspectiva



Palavras-Chave: Dependência química, Fenomenologia; Vida; Compreensão

Área Temática: Atenção Primária e Saúde da Família

E-mail do autor principal: adriellekerolainee@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A dependência química, atravessa a existência concreta das pessoas, reorganizando rotinas, relações, horizontes e o modo como cada um habita o próprio corpo e o próprio tempo. Nos últimos anos, relatórios internacionais e nacionais apontam expansão do consumo e diversificação das substâncias, com pressão sobre serviços de saúde e redes de cuidado. Globalmente, a produção e o mercado de cocaína seguem em alta, com expansão geográfica do consumo (Unodc, 2024; Unodc, 2025). No Brasil, a PNS registrou aumento do consumo semanal de álcool entre 2013 e 2019 (Ibge, 2020), e análises epidemiológicas descrevem crescimento do uso abusivo no período (Silva et al., 2022).

A Organização Pan-Americana da Saúde estima milhões de mortes anuais no mundo por uso nocivo de álcool e parcela relevante da carga global de doença atribuída à substância (Opas/OMS, s.d.). Em paralelo, o Ministério da Saúde registrou mais de 17 mil mortes por suicídio no país em 2023, com associação entre sofrimento psíquico e uso de substâncias, reforçando a necessidade de respostas integradas (Brasil, 2022). Levantamentos nacionais também indicam heterogeneidades regionais e vínculos com vulnerabilidade social (Fiocruz, 2017; Brasil; Fiocruz, 2023).

Esse quadro não se encerra na dicotomia “usar ou não usar”. Ele se traduz em trajetórias marcadas por sofrimento psíquico, estigma, perdas de vínculo e interrupções de projeto de vida, com concentração de danos em territórios vulneráveis e desigualdades de acesso ao cuidado continuado (Fiocruz, 2017; Brasil; Fiocruz, 2023). O retrato epidemiológico informa, mas não explica sozinho: é necessário compreender como o uso de substâncias se enraíza em experiências de vazio, angústia e desamparo e por que práticas e políticas, quando padronizadas e descoladas do território, tendem a fracassar justamente onde a vida é mais frágil (Silva et al., 2022).

É nesse ponto que o referencial fenomenológico se torna explicativo e agrega sentido ao diagnóstico situacional. Sob esse olhar, o ser humano é um *ser-no-mundo* que busca significado e tenta sustentar modos de vida autênticos; quando esse horizonte se estreita, emergem esvaziamento, repetição e um viver que já não dialoga com os valores que orientavam



a caminhada. A fenomenologia oferece linguagem e método para descrever a experiência vivida do uso e do cuidado. Conceitos como *autenticidade* e *inautenticidade*, *estar-lançado* e *mundo da vida* ajudam a nomear a tensão entre repetição e possibilidade, entre fechamento e abertura (Heidegger, 2010). Em paralelo, a ideia de busca de sentido ilumina por que certas escolhas se tornam verossímeis em momentos de vazio e por que a mudança exige não apenas técnicas, mas um reposicionamento diante da própria existência, com reconexão de valores, pertencimento e responsabilidade (Heidegger, 2010; Frankl, 2012).

Diante disso, este artigo realiza uma revisão bibliográfica, em português, cobrindo o período de 2000 a 2024, com o propósito de compreender como sentido de vida e autenticidade têm sido mobilizados no enfrentamento da dependência química no âmbito de abordagens fenomenológico-existenciais e logoterapêuticas. Busca-se, nessa direção, integrar aportes conceituais e empíricos sobre o papel do sentido e da autenticidade nos processos de recuperação, mapear as práticas clínicas fenomenológicas e logoterapêuticas descritas na literatura e, por fim, explicitar desafios e lacunas que ainda persistem na organização de serviços e na formulação de políticas.

Espera-se que a presente revisão ofereça ao leitor uma compreensão mais densa da dependência química como modo de existir, não apenas como diagnóstico. Ao adotar o

horizonte fenomenológico, busca-se legitimar a experiência vivida do dependente químico, reconhecendo sua palavra como fonte de conhecimento e não como mero sintoma, e descrevendo como o uso de substâncias adquire sentido no entrelaçamento de corpo, tempo, relações e mundo. Assim, esta pesquisa pretende oferecer um mapa interpretativo que torne visível e dizível o sofrimento implicado no uso, deslocando o olhar do rótulo para a singularidade de cada trajetória e, com isso, sustentando práticas de cuidado que escutem, nomeiem e acompanhem processos de recondução do sujeito ao seu próprio projeto de vida.

2. METODOLOGIA

Este estudo adota a pesquisa bibliográfica como metodologia principal, com o objetivo de analisar e integrar contribuições teóricas e empíricas sobre o sentido de vida e a autenticidade no contexto da dependência química, a partir da perspectiva fenomenológica. A

pesquisa bibliográfica consiste no levantamento, análise e interpretação de materiais previamente publicados, como livros, artigos científicos, dissertações e teses, que abordam os conceitos centrais do tema em questão (Gil, 2008; Lakatos; Marconi, 2017).

Inicialmente, o tema foi delimitado como “Sentido de Vida e Autenticidade: Um olhar fenomenológico para o dependente químico”. O objetivo principal é compreender como os conceitos fenomenológicos podem ser aplicados para entender a experiência subjetiva do dependente químico e contribuir para práticas terapêuticas voltadas a essa população. A busca pelos materiais foi realizada em bases de dados científicas como PubMed, SciELO, PsycINFO e Google Scholar, utilizando palavras-chave específicas, como “dependência química e sentido de vida”, “autenticidade e fenomenologia”, “logoterapia e dependência química” e “Heidegger e saúde mental”.

Os critérios de inclusão para a seleção das fontes consideraram publicações entre os anos de 2000 e 2024, disponíveis apenas em português, e que apresentam relevância direta para os conceitos abordados. Por outro lado, foram excluídas publicações repetidas, textos fora do escopo fenomenológico ou que não tivessem relação com o tema central. Após a seleção, as fontes foram organizadas em categorias temáticas, como impacto da dependência química no sentido de vida, autenticidade no processo de recuperação e intervenções terapêuticas fundamentadas na fenomenologia.

As fontes foram analisadas de forma crítica e sistemática, permitindo identificar convergências, divergências e lacunas na literatura existente. A interpretação dos dados foi conduzida à luz dos conceitos de Martin Heidegger e Viktor Frankl, possibilitando uma conexão entre a teoria e a prática, com destaque para a subjetividade e a singularidade da experiência vivida pelo dependente químico (Gil, 2008; Lakatos; Marconi, 2017).

Embora a pesquisa bibliográfica seja essencial para construir uma base teórica sólida, reconhecem-se algumas limitações inerentes a essa abordagem, como a ausência de dados empíricos originais e a dependência das publicações disponíveis. No entanto, o estudo fornece subsídios valiosos para futuras investigações, que podem complementar esta análise com abordagens qualitativas ou quantitativas. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica aqui realizada contribui para uma compreensão aprofundada do papel do sentido de vida e da autenticidade no cuidado ao dependente químico, lançando luz sobre novas perspectivas terapêuticas.



3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Sentido de Vida: Viktor Frankl e a Logoterapia

Psiquiatra e fundador da Logoterapia, Viktor Frankl (2012) construiu seu pensamento a partir de uma experiência pessoal marcante na sobrevivência aos horrores dos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto de extremo sofrimento, Frankl observou que aqueles que conseguiam encontrar um sentido para sua existência, mesmo diante de condições desumanas, tinham maior resiliência para suportar as adversidades. Essa reflexão levou-o a formular a Logoterapia, uma abordagem psicoterapêutica centrada na busca pelo sentido de vida como a força motivadora fundamental do ser humano (Silveira; Gradim, 2015).

A Logoterapia segundo Moreira e Holanda (2010) postula que a existência humana é essencialmente orientada pela busca de significado, sendo o sentido de vida um elemento singular e único para cada indivíduo. Segundo Frankl (2012), essa busca é inata e inevitável, pois o ser humano precisa atribuir um propósito à sua existência para alcançar uma vida plena. Para ele, mesmo diante do sofrimento, a pessoa pode encontrar significado, seja transformando suas adversidades em aprendizado, dedicando-se a causas maiores ou aprofundando relações significativas.

No contexto da dependência química, essa perspectiva ganha relevância, pois muitos indivíduos em situação de uso abusivo de substâncias relatam um vazio existencial – a sensação de que a vida carece de propósito ou direção. Esse estado, descrito por Frankl como "frustração existencial", é um dos fatores que pode levar ao uso de drogas como uma tentativa de preencher esse vazio. Contudo, tal busca pelo sentido em experiências superficiais e autodestrutivas tende a agravar o sofrimento, perpetuando um ciclo de dependência e alienação de si mesmo (Ribeiro; Santos, 2020).

Frankl (2012) argumenta que, mesmo nas circunstâncias mais adversas, a liberdade humana reside na capacidade de escolher como reagir a essas condições. Essa liberdade, denominada "liberdade espiritual", permite que a pessoa encontre sentido até mesmo no sofrimento inevitável. Para o dependente químico, essa ideia sugere que a recuperação não se limita à superação da abstinência física, mas envolve a ressignificação da existência. Encontrar um propósito maior para viver pode ser o ponto de partida para reconstruir uma trajetória autêntica e significativa (Moreira; Holanda, 2010).

A Logoterapia propõe três caminhos principais para a descoberta do sentido de vida: por meio da criação de algo (trabalho, arte ou contribuição social), pela vivência de experiências significativas (como amor, relacionamentos e contato com a natureza) e pela atitude diante de situações inevitáveis de sofrimento. No caso dos dependentes químicos, essas dimensões podem ser integradas a intervenções terapêuticas que incentivem a reflexão sobre valores, objetivos pessoais e reconstrução de relações (Aquino et al., 2015).

Portanto, o pensamento de Frankl (2012) oferece uma base teórica poderosa para compreender a dimensão subjetiva e existencial da dependência química. A busca pelo sentido de vida, além de ser uma força motivadora para a superação do sofrimento, proporciona uma perspectiva humanista e transformadora para o cuidado e a recuperação desses indivíduos.

3.2 Autenticidade e Inautenticidade: Heidegger e a Fenomenologia Existencial

Martin Heidegger, um dos principais expoentes da fenomenologia existencial, dedicou-se a investigar a essência do ser humano, que ele denominou Dasein, traduzido como "ser-aí". Em sua obra fundamental *Ser e Tempo*, Heidegger propõe que a existência humana é caracterizada por um "estar lançado" no mundo, ou seja, somos seres situados em um contexto pré-dado, repleto de relações, histórias e condições que não escolhemos. (Heidegger, 2010).

Contudo, dentro desse "lançamento", o ser humano possui a liberdade para dar forma à sua existência, assumindo as possibilidades que o mundo lhe apresenta (Braga; Farinha, 2017). Nesse contexto, Heidegger diferencia dois modos fundamentais de ser: a autenticidade e a inautenticidade. Ser autêntico significa viver de forma coerente com as próprias possibilidades do Dasein, assumindo responsabilidade pelas escolhas e construindo uma existência que reflita o que realmente importa para o indivíduo.

Por outro lado, a inautenticidade ocorre quando o ser humano negligencia sua singularidade, conformando-se às expectativas, convenções e pressões externas, mergulhando no que Heidegger chama de "impessoalidade" (*das Man*), onde as escolhas são guiadas por um "se faz assim" ou "todos fazem" (Braga; Farinha, 2017).

A dependência química segundo Casthologe et al. (2021) pode ser compreendida à luz dessa dualidade. Muitas vezes, o uso de substâncias surge como uma tentativa de escapar da angústia existencial, que Heidegger (2010) considera intrínseca à condição humana. Essa angústia decorre do confronto com a finitude, com a liberdade de escolher e com a responsabilidade de construir uma existência significativa. Ao buscar o alívio no uso de drogas,

o dependente químico frequentemente adota um modo de ser inautêntico, alienando-se de suas próprias possibilidades e se afastando do sentido genuíno de sua existência.

O conceito de *estar-lançado* é central para compreender as condições que cercam a dependência química. O *Dasein* não escolhe o mundo em que nasce, mas é inevitavelmente atravessado por ele. Desigualdade social, vulnerabilidades econômicas, dinâmicas familiares disfuncionais e pressões culturais podem favorecer o uso abusivo de substâncias. Ainda assim, mesmo nesse *lançamento*, é possível uma postura autêntica ao reconhecer tais circunstâncias e ressignificar a própria existência; não são as situações em si que determinam o sujeito, mas o modo de se dirigir a elas, que pode se tornar fragmentado e opaco (Sodelli, 2019b).

Para que o dependente químico recupere a autenticidade, é necessário confrontar a situação presente e reconhecer a possibilidade de mudança. Heidegger enfatiza a *abertura ao ser* (*Erschlossenheit*), uma atitude de honestidade consigo mesmo e com o mundo, que permite romper com a *inautenticidade* e assumir um compromisso com as próprias possibilidades, mesmo sob os limites do *estar-lançado* (Heidegger, 2010; Sodelli, 2019b).

A busca pela autenticidade, entretanto, não é isenta de desafios. É preciso coragem para enfrentar a angústia existencial e resistir às pressões que mantêm o indivíduo em modos de ser conformistas. No contexto terapêutico, o papel do profissional é facilitar esse processo, ajudando o indivíduo a tomar consciência de suas escolhas e a se reconectar com o que é essencial para ele (Neves; Miasso, 2010).

Assim, a fenomenologia existencial de Heidegger (2010) fornece uma lente valiosa para compreender o impacto da dependência química na subjetividade humana. A transição da inautenticidade para a autenticidade representa uma jornada de autoconhecimento e reconstrução, na qual o dependente químico pode ressignificar sua existência, assumindo a liberdade de ser no mundo de maneira singular e responsável. (Sodelli, 2019b).

3.4 Dependência Química na Perspectiva Fenomenológica

A dependência química é um fenômeno complexo que transcende as explicações biológicas ou comportamentais, exigindo uma compreensão mais profunda das experiências subjetivas vividas pelo indivíduo. A fenomenologia, enquanto abordagem filosófica e metodológica, busca descrever a essência dessas vivências, partindo do pressuposto de que cada ser humano é um *Dasein*, um ser no mundo que constroi sua existência em relação ao contexto em que está inserido. Aplicada à dependência química, a fenomenologia destaca o significado



atribuído pelo indivíduo ao uso de substâncias, às consequências desse uso e às possibilidades de resignificação de sua experiência (Casthologe et al., 2021).

Estudos fenomenológicos sobre a dependência química frequentemente revelam que o uso de drogas está associado a uma tentativa de preencher um vazio existencial, lidar com o sofrimento ou buscar uma forma de pertencimento. Para muitos dependentes químicos, o consumo de substâncias representa uma busca por alívio imediato, que acaba se tornando uma resposta cíclica à dor emocional, às relações interpessoais fragilizadas e ao sentimento de desconexão com o mundo. Nesse contexto, o uso pode ser interpretado como uma estratégia de enfrentamento que, embora paliativa, revela uma profunda luta pela preservação da existência (Sipahi & Vianna, 2012).

A dependência química também pode ser compreendida como uma expressão de inautenticidade, no sentido heideggeriano, na medida em que o indivíduo se afasta de suas possibilidades mais genuínas. Ao recorrer às drogas como fuga da angústia existencial ou das dificuldades cotidianas, o dependente químico se alinha a um modo de ser alienado, caracterizado por uma busca de sentido em experiências externas e transitórias. Essa vivência muitas vezes se traduz em sentimentos de culpa, vergonha e fracasso, intensificando o sofrimento e aprofundando o ciclo de dependência.

Por outro lado, a fenomenologia aponta para a possibilidade de transformação dessa experiência. O uso de substâncias segundo Sipahi e Vianna (2012) pode ser resignificado como uma tentativa de comunicação ou um pedido de ajuda para lidar com questões existenciais mais profundas. Nesse sentido, o processo terapêutico, inspirado pela fenomenologia, não busca apenas a abstinência, mas também a compreensão das vivências subjetivas do indivíduo, acolhendo sua história, suas escolhas e suas vulnerabilidades.

Estudos que adotam essa perspectiva sugerem que a dependência química é vivenciada como um fenômeno totalizador, que domina a percepção de si mesmo e das relações com o mundo. No entanto, ao serem ouvidos e compreendidos em sua singularidade, muitos dependentes químicos relatam sentir-se vistos como seres humanos além de sua condição. Essa mudança de olhar contribui para que o indivíduo se perceba como um agente de sua própria existência, capaz de reconstruir sua história e buscar novos significados para sua vida (Neves; Miasso, 2010).

A fenomenologia, ao enfatizar a experiência vivida, reforça a importância de um cuidado terapêutico que vá além de abordagens meramente técnicas ou medicalizantes. Essa visão humanista e integradora valoriza o encontro entre terapeuta e paciente como um espaço



de abertura e autenticidade, no qual o dependente químico pode reconhecer suas possibilidades de transformação. Dessa forma, a perspectiva fenomenológica oferece não apenas uma compreensão mais rica do fenômeno da dependência, mas também um caminho ético e existencial para promover a ressignificação da vida e a reconstrução da subjetividade (Sodelli, 2019b).

4. DISCUSSÃO TEÓRICA

4.1 Impactos da Dependência Química no Sentido de Vida

Sob o olhar da fenomenologia existencial, a dependência química apresenta-se não apenas como um fenômeno circunscrito a determinantes biológicos ou a pressões socioculturais, mas, sobretudo, como uma vivência que se enraíza na dimensão mais íntima do ser-no-mundo. Nesse contexto, a substância química emerge como um refúgio enganoso diante da angústia fundamental, transformando-se em resposta a um vazio que se instaura quando o sentido da existência se encontra comprometido ou obnubilado.

Inspirando-se em Frankl, compreende-se que a busca por significado é uma potência estruturante da condição humana; quando frustrada, conduz ao esvaziamento existencial, provocando o desmoronamento de referenciais internos e o enclausuramento em modos de ser autodestrutivos. A partir desse horizonte, o uso abusivo de drogas não é um mero sintoma ou um desvio de conduta, mas a expressão de um sofrimento ontológico, um clamor silencioso por um solo de sentido onde o indivíduo possa re-enraizar-se na própria existência (Brito, 2020; Ferreira; Marx, 2017).

O uso de substâncias psicoativas irrompe como uma forma de o indivíduo confrontar abismos internos, crises existenciais e frustrações pessoais, numa tentativa de atenuar o sofrimento derivado da ausência ou fragilização de sentido. Todavia, essa busca por alívio, ao invés de instaurar um solo firme onde o ser possa se ancorar, inaugura um ciclo de dependência que apenas intensifica a sensação de estranhamento diante do mundo e do próprio si-mesmo (Bargli; Binda, 2023; Golin; Pereira; Piveta, 2013).

Na esteira do que apontam Gabatz et al. (2013), observa-se que muitos usuários de drogas vivenciam uma incapacidade de suportar adversidades cotidianas, acompanhada por um sentimento de desintegração de valores primordiais, incluindo aqueles que sustentam os vínculos familiares e sociais. Assim, a substância torna-se um subterfúgio precário para a



angústia fundamental, revelando o drama existencial de um ser que, ao tentar fugir de seu vazio, acaba imerso num ciclo alienante e destituído de sentido.

Ao tomar como base a analítica existencial de Heidegger, reconhece-se o Dasein como um ser-no-mundo, marcado pela facticidade e pela tarefa inalienável de projetar-se em direção às suas possibilidades mais próprias. Porém, no âmbito da dependência química, essa abertura ontológica ao mundo parece ser seriamente comprometida, na medida em que o indivíduo subordina a vastidão de seu horizonte existencial à ditadura da substância.

Desse modo, a possibilidade de autenticidade entendida como o movimento de assumir a própria finitude, de encarar a angústia primordial e de apropriar-se conscientemente do ser-para-a-morte é substituída por um estado de inautenticidade que se expressa enquanto fuga e recusa. Trata-se de uma tentativa ilusória de mitigar a angústia ao mesmo tempo em que o ser se desvia de seu projeto mais originário, enclausurando-se em uma repetição mecânica, árida e sem brilho diante da vida. Assim, a dependência química reduz o Dasein a um modo de existir opaco, no qual a autêntica apropriação de si é substituída pelo embotamento de todas as vias que conduziram à realização de seu potencial existencial (Ferreira; Marx, 2017; Marques, Holanda; Serbena, 2015; Silveira et al., 2001; Souza et al., 2013).

A partir do horizonte fenomenológico-existencial, a Logoterapia, enquanto abordagem fundada na busca de sentido, sugere que mesmo diante do sofrimento extremo como aquele instaurado pela dependência química o ser humano pode reencontrar valores e significações capazes de restaurar sua liberdade ontológica. Ao invés de se constituir em um ponto final, o vazio existencial, frequentemente testemunhado em contextos de dependência, desponta como um campo aberto de possibilidades, uma ocasião para a ressignificação do próprio existir. Esse esvaziamento não necessita ser vivenciado como um beco sem saída, mas sim como um espaço onde, através de intervenções terapêuticas adequadas, torna-se viável promover a reconexão com o sentido, resgatando o Dasein da opacidade de um viver desvinculado de significados e reconduzindo-o a um modo de ser mais autêntico e livre (Ferreira; Marx, 2017).

Ao entrelaçar as perspectivas de Frankl (2012) e Heidegger (2010), percebe-se que, enquanto o primeiro acentua a busca por sentido como força reestruturante da existência, o segundo sublinha a necessidade de assumir, com autenticidade, as próprias possibilidades de ser. Nesse contexto, Rothenbach (2023) destaca a Logoterapia como um caminho capaz de auxiliar indivíduos dependentes de substâncias a redescobrir valores intrínsecos que transcendam o uso compulsivo, restituindo-lhes a responsabilidade por suas escolhas e favorecendo uma vida mais lúcida e comprometida consigo mesma.



Diante desse horizonte, a dependência química pode ser compreendida como a expressão de um vivido fragmentado, no qual o sentido da existência se encontra eclipsado ou negligenciado. A substância, ao invés de oferecer uma saída genuína para o sofrimento, acaba por intensificar o encolhimento do mundo e a angústia diante da falta de significado. Assim, o indivíduo aprisiona-se em autolimitações e projeta-se em direção a um modo de ser sem raiz, negando seu potencial de se orientar autenticamente rumo a valores, propósitos e fins que possam robustecer a totalidade de sua condição ontológica (Rochenbach, 2023).

À luz dessa perspectiva, Nogueira (2007) sublinha que o verdadeiro desafio terapêutico consiste em auxiliar o indivíduo a transcender sua condição de alienação, permitindo-lhe restabelecer uma relação autêntica com suas potencialidades e com o mundo. Tal empreendimento exige um olhar que vá além da concepção do ser humano como um mecanismo danificado a ser reparado, reconhecendo-o, antes, como um Dasein, um ser cuja existência se desenrola em um constante vir-a-ser. Dessa forma, a intervenção terapêutica deixa de ser um conserto técnico para tornar-se um processo de desvelamento do horizonte existencial do indivíduo, ampliando suas possibilidades de se apropriar de si mesmo, de suas escolhas e de seu lugar no mundo.

Ao se considerar a dimensão sociocultural da dependência química, evidencia-se que os impactos não se restringem ao âmbito individual. Segundo Souza et al. (2013), a estigmatização e as representações sociais negativas enrijecem ainda mais o quadro de alienação existencial, dificultando o movimento de (re)apropriação do sentido vital. Em tal contexto, conforme sugerem Silveira et al., (2001), as marcas dessa alienação, ao correlacionarem-se com uma autoestima fragilizada, complicam a já delicada tarefa do sujeito de compreender-se como um ser-no-mundo dotado de valor e significado.

Castro (2021) destaca os chamados “3 As”, Auto-estima, Auto-imagem e Auto-conceito, como elementos fundantes na constituição do si-mesmo, em que repousa a verdade ontológica do ser. Esses aspectos configuram-se, assim, como pilares centrais para a compreensão existencial do indivíduo, especialmente quando análises mais profundas emergem na busca de reconexão consigo próprio. No caso do adicto, todavia, observa-se que ele, ao se auto-denominar, se percebe e se autoproclama prisioneiro de uma identidade reduzida, confinada no limiar de suas próprias limitações. Este movimento de autopercepção conduz ao estado de alienação existencial, onde o indivíduo se vê como incapaz, reconstruindo-se incessantemente na lógica do “Eu sou apenas isso”, ou seja, imerso nas cisões impostas por um



ser que se auto limita através dos “nãos” que ele mesmo impõe, negando sua própria abertura para expansão ontológica e para a redescoberta de novos horizontes existenciais.

Nesse contexto, a Logoterapia revela-se como um percurso terapêutico eficaz para abranger as dimensões existenciais da dependência química, promovendo um reordenamento das prioridades ontológicas e facultando ao indivíduo a possibilidade de reconstruir seu projeto de ser. A perspectiva heideggeriana, por sua vez, complementa esse processo ao enfatizar a importância de um enfrentamento autêntico das próprias possibilidades, reafirmando a liberdade do Dasein em transcender as circunstâncias que o restringem.

4.2 Autenticidade e a Jornada de Recuperação

A trajetória de recuperação de indivíduos em situação de dependência química revela desafios singulares quando compreendida à luz da autenticidade, conforme articulada pela filosofia de Heidegger (2010) e pela Logoterapia de Viktor Frankl (2012). Sob a perspectiva da fenomenologia existencial, a autenticidade emerge como um modo de ser que permite ao *Dasein* (ser-aí) apropriar-se de sua existência de maneira genuína, confrontando a facticidade de seu estar-no-mundo e a abertura às possibilidades de ser. Esse percurso autêntico se coloca em tensão com os modos de ser inautênticos, frequentemente caracterizados pela fuga de si mesmo e pelo mergulho na cotidianidade impessoal (*das Man*), comuns no contexto da dependência química.

Nesse cenário, a recuperação implica não apenas a superação da compulsão química, mas também o resgate do sentido de ser, onde a abertura ao questionamento existencial e a busca por um sentido de vida, como proposto por Frankl, constituem passos fundamentais para a reintegração do ser ao seu próprio projeto existencial. Ou seja, trazer ao indivíduo a possibilidade de resgatar os sentidos e significados que o enclausuravam, mantendo-o fechado em si mesmo, preso a um modo de viver inautêntico e alienado de suas próprias possibilidades de ser.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger (2010) apresenta a autenticidade como a disposição do *Dasein* para confrontar-se com sua condição ontológica de ser-para-a-morte, ou seja, reconhecer-se como um ser finito, aberto às possibilidades de sua existência e responsável por apropriar-se de seu próprio projeto de ser. A autenticidade implica um modo de ser que se destaca pela consciência da finitude e pela coragem de habitar a angústia como elemento constitutivo da existência. Em contrapartida, a vida inautêntica manifesta-se na absorção do



indivíduo pela cotidianidade impessoal, marcada pelo conformismo, pela alienação e pela fuga de si mesmo, elementos que Heidegger associa ao domínio do *das Man*, o "se impessoal".

No contexto da dependência química, essa inautenticidade se evidencia de forma peculiar, refletida na busca compulsiva por prazeres imediatos e na tentativa de evitar o sofrimento existencial, perpetuando modos de ser que negam a abertura genuína às possibilidades mais próprias do existir. A dependência não apenas expressa uma alienação existencial, mas também cristaliza o distanciamento do ser em relação ao reconhecimento de sua facticidade e à aceitação da responsabilidade por sua existência (Bargli; Binda, 2023; Golin, Pereira; Piveta, 2013).

Nesse horizonte fenomenológico-existencial, a superação da dependência exige um retorno à autenticidade, isto é, um movimento em direção à apropriação do ser como ser-livre e ser-finitude, rompendo com os ciclos de negação que sustenta-o negativamente. A existência autêntica, como descrito por Nogueira (2007) e Roehe (2018), requer que o indivíduo enfrente as suas condições de fato (facticidade) e projete possibilidades baseadas em um compromisso com o seu próprio ser, livre das imposições externas e desvios auto alienantes.

Esse vazio destacado por Viktor Frankl (2012) reflete uma crise ontológica em que o *Dasein*, privado de referências autênticas para sua existência, busca na substância química uma forma de mitigar a angústia, a dor e o desamparo que emergem da falta de direcionamento existencial. No entanto, essa tentativa de fuga intensifica o distanciamento do ser em relação à sua autenticidade, perpetuando um ciclo de inautenticidade e alienação (Brito, 2020; Ferreira; Marx, 2017; Melo; Maciel, 2016).

Para Heidegger, a angústia é uma experiência privilegiada que desvela a verdade da existência humana: sua finitude e abertura a múltiplas possibilidades de ser. Essa vivência, embora desconfortável, pode atuar como catalisadora para a transição do modo de ser inautêntico, preso à cotidianidade e ao "se impessoal" (*das Man*), para um modo de ser autêntico, no qual o indivíduo assume a responsabilidade por sua existência e se engaja em sua própria singularidade. Contudo, no contexto da dependência química, a angústia frequentemente é substituída pelo medo, um estado que restringe o indivíduo a preocupações imediatas e concretas, como o medo do fracasso ou da rejeição social, agravados pelo estigma e pela exclusão (Golin, Pereira; Piveta, 2013).

Forghieri (2007) argumenta que o medo, diferentemente da angústia, é dirigido a objetos ou situações específicas, como o temor do fracasso pessoal, da rejeição social ou da estigmatização, que são amplamente vivenciados pelos dependentes químicos. Esse estado



contribui para o fechamento existencial, limitando o indivíduo a modos de ser inautênticos que reforçam o afastamento de sua singularidade e potencialidade. Além disso, o estigma social pode ser identificado como um fator de exclusão ontológica, intensifica o aprisionamento do ser em uma narrativa alienante, na qual ele não se reconhece como portador de possibilidades genuínas de transformação.

No horizonte da fenomenologia existencial, a recuperação transcende as abordagens puramente clínicas ou comportamentais e emerge como um processo essencialmente ontológico. Sob essa perspectiva, a Logoterapia de Viktor Frankl (2012) complementa o pensamento de Martin Heidegger (2010) ao enfatizar o papel do sentido como elemento estruturante da existência. Nesse contexto, o terapeuta atua como um mediador do desvelamento (*aletheia*), auxiliando o indivíduo a reconhecer valores e objetivos que superem a alienação do uso de substâncias (Ferreira; Marx, 2006; Nogueira, 2006). O encontro com o sentido, inclusive no sofrimento, permite que o ser recupere a abertura às possibilidades autênticas de ser.

O processo de recuperação exige que o *Dasein*, enquanto ser-no-mundo, se reconecte com sua facticidade e assuma a liberdade como projeto existencial. A liberdade, nesse sentido, não é a ausência de condicionamentos, mas a capacidade de escolher responsavelmente entre as possibilidades que a existência oferece, mesmo sob as limitações impostas pela finitude. A saúde, então, não se define como mera ausência de sintomas, mas como a reintegração do ser à plenitude de seu existir, em uma relação harmônica consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Ao longo dessa jornada, o dependente químico é chamado a romper com o ocultamento de si mesmo, esse movimento de desvelamento demanda um esforço de ressignificação que não pode ser realizado isoladamente. Intervenções comunitárias e estratégias de cuidado humanizado desempenham um papel crucial ao criar ambientes de acolhimento e suporte, nos quais o ser em recuperação pode explorar novas formas de estar-no-mundo, reafirmando sua autenticidade por meio de escolhas conscientes e alinhadas com sua essência (Gabatz et al., 2013; Melo; Maciel, 2016).

A jornada para uma existência autêntica, nesse cenário, é simultaneamente um enfrentamento e uma superação. Trata-se de transformar a angústia e o sofrimento em catalisadores de um novo modo de viver, onde o indivíduo, ao reconhecer-se em sua



vulnerabilidade e potencialidade, encontra no autoconhecimento e na ressignificação da vida um caminho para a reconstrução de seu projeto existencial. É, enfim, um chamado para que o

ser recupere sua inteireza, revelando-se como um ser em constante abertura ao mundo e às possibilidades de ser.

4.3 Intervenções terapêuticas

As reflexões delineadas em múltiplos estudos convergem para uma compreensão ampliada da saúde mental e da dependência química, apoiada em abordagens fenomenológico-existenciais e na Logoterapia, que ultrapassam o horizonte biomédico estrito. Sob a influência do pensamento de Martin Heidegger (2010), conforme articulado por Bargli e Binda (2023) e aprofundado na leitura de Nogueira (2007, 2016), o sentido da saúde é vislumbrado não como mero estado orgânico, mas como um modo de ser do *Dasein*, cuja abertura ao mundo revela a possibilidade de assumir, de maneira lúcida, suas próprias potencialidades de existência.

Dentro dessa perspectiva, a autenticidade entendida como o assumir consciente e resolutivo das possibilidades mais próprias do ser-no-mundo, emerge como elemento axial no processo terapêutico. Ao invés de se restringir à remediação sintomática, busca-se promover um reencontro do indivíduo com a sua condição ontológica fundamental, permitindo-lhe abandonar modos inautênticos de ser e apropriar-se de seu projeto existencial. Tal compreensão não se limita ao âmbito da racionalidade instrumental, mas se expande na direção da experiência vivida, encarnada e singular de cada sujeito.

Em sintonia com o enfoque de Coelho Júnior e Barreira (2018), a corporeidade e a autenticidade surgem como dimensões indissociáveis da formação da personalidade, ressaltando a vivência empática e a consciência de si como fatores basilares para o florescer da existência. Nesse sentido, a consideração integral do ser humano contemplando suas esferas emocional, relacional e ontológica revela-se essencial para intervenções terapêuticas que não apenas combatem a doença, mas reconhecem a unicidade e a fecundidade transcendental de cada *Dasein*, permitindo que este advenha, em sua singularidade, à autenticidade do próprio existir.

A Logoterapia, concebida por Viktor Frankl, configura-se como um horizonte promissor para o enfrentamento da dependência química e do vazio existencial, conforme sublinhado por Brito (2020), Ferreira e Marx (2017), Rothenbach (2023) e Vanzin (2022). Tal abordagem, ancorada na liberdade da vontade, na vontade de sentido e na descoberta de um



significado existencial, convida o indivíduo a uma ressignificação do seu ser-no-mundo. Ao propor um distanciamento das substâncias psicoativas e um reposicionamento frente à condição de sofrimento, a Logoterapia favorece a reconstrução de um projeto de vida autêntico, no qual valores e propósitos emergem como contrapontos ao uso de drogas enquanto fuga, abrindo caminhos para uma trajetória que reconhece e afirma as potencialidades singulares de cada *Dasein*.

Em consonância com essa perspectiva, estudos como os de Gabatz et al. (2013) e Melo e Maciel (2016) evidenciam a magnitude dos estigmas e representações sociais no cenário da dependência química, apontando para a urgência de intervenções humanizadas que transcendam a mera contenção sintomática. Tais intervenções devem cultivar uma atitude de acolhimento fenomenológico-existencial, promovendo não apenas a reinserção social, mas o reconhecimento do valor único de cada ser-aí. Nesse sentido, Marques, Holanda & Serbena (2015) argumentam que a descoberta e o cultivo de valores, sob a égide da Logoterapia, revelam-se cruciais na superação do abuso de álcool, atestando que o preenchimento do vácuo existencial com significados mais elevados pode instaurar novas dimensões de autenticidade e responsabilidade frente à própria existência. Desse modo, emerge uma possibilidade terapêutica que, ao reconhecer a condição ontológica e a abertura ao sentido como aspectos fundantes do humano, amplia o horizonte de cuidado e de transformação.

Conforme delineada por Forghieri (2007), a escuta deve ser empática e baseada em um diálogo aberto, orientado para o alívio do sofrimento e a gestação de transformações autênticas no modo de ser do indivíduo. Em tal horizonte, a abordagem acolhe a integralidade da vivência do ser-no-mundo, como assinalado por Roehe (2018), rompendo com dicotomias reducionistas entre corpo e mente, sujeito e objeto, e reconhecendo o *Dasein* em sua totalidade dinâmica, situada e encarnada. Essa perspectiva convida a uma compreensão mais ampla do humano como singularidade integrada em seu contexto existencial, permitindo que o aconselhamento se torne um espaço de encontro e desvelamento, no qual o próprio sentido da existência possa emergir, ser compreendido e transformado.

Por fim, Silveira et al. (2001) e Souza et al. (2013) evidenciam que a motivação para a mudança e a elevação da qualidade de vida constituem dimensões fundamentais no processo de recuperação de dependentes químicos. Entretanto, é precisamente ao transcender modelos restritos a parâmetros comportamentais ou intervenções puramente psicofarmacológicas, para então incorporar princípios fenomenológico-existenciais, que o cuidado passa a acolher o ser



humano em sua inteireza. Tal perspectiva reconhece a singularidade de cada existência, sua liberdade constitutiva e sua capacidade intrínseca de conferir sentido à própria trajetória.

As contribuições destacadas pelos autores delineiam um horizonte no qual a convergência entre abordagens fenomenológico-existenciais e logoterapêuticas alarga as possibilidades de intervenção no campo da saúde mental e da dependência química. Ao radicar o trabalho terapêutico na busca pela autenticidade, na descoberta e afirmação do sentido da vida, na experiência empática e no reconhecimento do outro como *ser-no-mundo*, inaugura-se um caminho mais amplo e efetivo para a promoção do *bem-estar*, da autonomia e de uma saúde integral, abrangendo as dimensões emocional, relacional e ontológica da existência humana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises apresentadas ao longo deste estudo permitiram delinear um quadro teórico no qual a dependência química não se reduz a um acontecimento meramente biológico ou social, mas ganha contornos de uma vivência ontológica e existencial. Sob a ótica fenomenológico-existencial, o fenômeno se insere no horizonte da condição humana finita, atravessado por angústias, vazios e crises de sentido que, quando não enfrentados de modo autêntico, desdobram-se em modos inautênticos de ser, dentre os quais o uso abusivo de substâncias se coloca como estratégia ilusória de esquiva ao desamparo ontológico.

A principal contribuição deste estudo consiste em evidenciar que a dependência química expressa sofrimento de base existencial, o distanciamento do indivíduo em relação à sua liberdade, facticidade e possibilidade de conferir sentido à própria vida. Ao articular as perspectivas fenomenológico-existenciais de Heidegger e a Logoterapia de Frankl, foi possível iluminar o caminho terapêutico não apenas como intervenção sintomática, mas enquanto convite ao desvelamento do ser humano em sua totalidade. A aposta em estratégias que privilegiem o diálogo, a escuta empática, o reconhecimento da singularidade do *Dasein* e a promoção da autenticidade surge, assim, como via de reconstrução do sentido de vida e reintegração do indivíduo em seu próprio projeto existencial.

Do ponto de vista prático, tais considerações implicam na formulação de intervenções terapêuticas que transcendem a mera substituição farmacológica ou o controle comportamental. Apontam para abordagens mais amplas, ancoradas na compreensão da dimensão ontológica do sofrimento, de modo a restaurar a capacidade do ser-no-mundo de projetar-se e escolher responsabilmente entre suas possibilidades. Futuras pesquisas poderão



IV Simpósio da LAESC
Pesquisa e Extensão em perspectiva



aprofundar a articulação entre intervenções baseadas na Logoterapia e fundamentos fenomenológico existenciais, contribuindo para o desenvolvimento de práticas clínico-institucionais mais eficazes, humanizadas e coerentes com a condição de ser do indivíduo. Em síntese, reforça-se a importância de conceber a saúde mental em seu espectro integral, contemplando as dimensões do corpo, da mente, das relações e, sobretudo, do sentido ontológico da existência.

REFERÊNCIAS

AVELLAR DE AQUINO, T. A. et al. Logoterapia no contexto da psicologia: Reflexões acerca da análise existencial de Viktor Frankl como uma modalidade de psicoterapia. **Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 45–65, 2015. ISSN 2316-9923.

BARGLINI, R.; BINDA, S. T. **Ser autêntico e inautêntico em Martin Heidegger**: Uma análise antropológica do “Dasein” na contemporaneidade. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário Salesiano de Vitória (UNISALES), Vitória, 2023. Disponível em: <https://unisaes.br/wpcontent/uploads/2023/06/SER-AUTENTICO-E-INAUTENTICO-EMMARTIN-HEIDEGGER-UMA-ANALISE-ANTROPOLOGICA-DO-DASEINNA-CONTEMPORANEIDADE.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2025.

BRAGA, T. B. M.; FARINHA, M. G. Heidegger: Em busca de sentido para a existência humana. **Revista Abordagem Gestalt**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65–73, 2017.

BRITO, G. C. B. de. **O sentido da vida em sujeitos dependentes químicos em situação de rua**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/6422>. Acesso em: 6 nov. 2025.

CASTHELOGE, S. N. et al. Compreensão fenomenológica existencial acerca da dependência química na contemporaneidade. **Brazilian Journals of Development**, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 49726-49740, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n5-048>. Acesso em: 6 nov. 2025.

CASTRO, E. H. B. de. En-contros, des-encontros e re-encontros na clínica e pesquisa psicológicas: Des-velando olhares. **Revista Educação e Humanidades**, Manaus, v. 2, n. 1, p. 11-20, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/reh/article/view/8507>. Acesso em: 6 nov. 2025.

COELHO JÚNIOR, A. G.; BARREIRA, C. R. A. Formação da personalidade autêntica e corporeidade à luz de Edith Stein. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 345–353, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420180136>. Acesso em: 6 nov. 2025.

FERREIRA, F. N.; MARX, R. B. O vazio existencial em interface com o uso de drogas sob a ótica da logoterapia e análise existencial. **Faculdade Sant’Ana em Revista**, Ponta Grossa, v.



IV Simpósio da LAESC
Pesquisa e Extensão em perspectiva



1, n. 1, p. 86–98, 2017. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/11>. Acesso em: 6 nov. 2025.

FORGHIERI, Y. C. O aconselhamento terapêutico na atualidade. **Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 125–133, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.18065/rag.2007v13n1>. Acesso em: 6 nov. 2025.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GABATZ, R. I. B. et al. Percepção do usuário sobre a droga em sua vida. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 520–525, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLIN, M. F.; PEREIRA, C. C.; PIVETA, C. C. A. C. **Autenticidade, angústia e decadência em Martin Heidegger**. Garça: Faculdade de Ciências da Saúde de Garça, 2013.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes; Campinas: Unicamp, 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARQUES, J.; HOLANDA, A.; SERBENA, A. P. Vazio existencial e o abuso do álcool: Contribuições da Logoterapia. **Revista Brasileira de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 200–208, 2015.

MELO, J. R. F.; MACIEL, S. C. Representação social do usuário de drogas na perspectiva de dependentes químicos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 76–87, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000882014>. Acesso em: 6 nov. 2025.

MOREIRA, N.; HOLANDA, A. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa / Logotherapy and the meaning of suffering: convergences in the spiritual and religious dimensions. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 15, n. 3, p. 345–356, 2010. Disponível em: <https://doaj.org/article/f507ffc102c34865b3b396d1d0c69cfb>. Acesso em: 6 nov. 2025.

NEVES, A. C. L.; MIASSO, A. I. “Uma força que atrai”: o significado das drogas para usuários de uma ilha de Cabo Verde. **Revista Latino-Americana De Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 18, n. esp., p. 589–597, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-11692010000700015>. Acesso em: 6 nov. 2025.

NOGUEIRA, R. P. An existential analysis of health. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 10, n. 20, p. 333–345, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1801/180114101005.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2025.

NOGUEIRA, R. P. A saúde da *Physis* e a saúde do *Dasein* em Heidegger. **PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 429–450, 2007.

NOGUEIRA, R. P. **Ser e saúde**: Repensando a saúde com Heidegger. Brasília: UNA, 2016.



IV Simpósio da LAESC
Pesquisa e Extensão em perspectiva



RIBEIRO, D. L.; SANTOS, N. A. dos. **Drogadição na contemporaneidade**: contribuições da Logoterapia de Viktor Emil Frankl no tratamento da dependência química. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <http://bib.pucminas.br:8080/pergamumweb/vinculos/000091/00009162.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2025.

ROCHENBACH, P. C. H. **Contribuições da Logoterapia para o tratamento da dependência química**. 2023. Artigo de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande, 2023.

ROEHE, M. Contribuições da analítica existencial de Martin Heidegger para o pensamento sobre saúde. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 128–138, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v7i1.1679>. Acesso em: 6 nov. 2025.

SILVEIRA, C. et al. Qualidade de vida, autoestima e autoimagem dos dependentes químicos. **Revista Brasileira de Saúde Mental**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 16–25, 2001.

SILVEIRA, D. R.; GRADIM, F. J. Contribuições de Viktor Frankl ao movimento da saúde coletiva. **Revista Abordagem Gestalt**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 153–161, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672015000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 nov. 2025.

SIPAHI, F. M.; VIANNA, F. de C. Uma análise da dependência de drogas numa perspectiva fenomenológica existencial. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 19, n. 4, p. 503–507, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.14417/ap.380>. Acesso em: 6 nov. 2025.

SODELLI, M. Fenomenologia, vulnerabilidade e prevenção primária ao uso nocivo de drogas. **Revista Psicologia e Educação On-Line**, Covilhã, v. 2, n. 1, p. 10–18, 2019a. Disponível em:

<https://psicologiaeducacao.ubi.pt/Ficheiros/ArtigosOnLine/2019N1/2-%20V2N1online2019.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2025.

SODELLI, M. Temporalidade, uso de drogas e fenomenologia. **Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 35–52, 2019b. Disponível em: <https://doi.org/10.37067/rpfc.v8i2.953>. Acesso em: 6 nov. 2025.